

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

ANA ROSA PAIVA

VIDAS SECAS: EXCLUSÃO SOCIAL, ANIMALIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

JARDIM-MS

2015

VIDAS SECAS: EXCLUSÃO SOCIAL, ANIMALIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Cleber José de Oliveira

ANA ROSA PAIVA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

VIDAS SECAS: EXCLUSÃO SOCIAL, ANIMALIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Orientador: Prof. Me. Cleber José de Oliveira

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra

Prof. Me. Roseli Peixoto Grubert

Paiva, Ana Rosa

Fabiano e baleia: animalização e humanização em vidas secas/ Ana Rosa Paiva.
Dourados: UEMS, 2008. 45 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.Vidas Secas 2.Fabiano. Baleia 3.Humanização 4.Animalização.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

ANA ROSA PAIVA

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo, meus filhos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, aos professores que me acompanharam durante a graduação, em especial ao Prof. Cleber José de Oliveira, responsável pela realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela confiança no mérito e ética aqui presente.

Ao meu orientador Prof. Cleber José de Oliveira, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Lança-se luz, aqui, sobre o processo sócio-psicológico de exclusão e animalização da personagem Fabiano e também sobre o processo psiconarrativo de humanização da personagem Baleia, respectivamente, do romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Dando ênfase à seguinte questão: de que modo Fabiano se “animaliza” e a cachorra Baleia se “humaniza” no decorrer da narrativa e também em que medida a exclusão sociocultural de Fabiano e sua família está ligada à ausência de linguagem social. Além disso, faz um apanhado do contexto sócio-histórico do Modernismo e também da obra em questão e biografia do autor. Isso se realiza por meio de uma análise comparativa de cunho bibliográfico, Para tanto, lança mão de algumas reflexões propostas por Antonio Candido (2000, 2001, 2006, 2009), Alfredo Bosi (2013), Marilena Chauí (2000), Bakhtin (2002), entre outros.

Palavras-chave: Vidas Secas. Exclusão Social. Fabiano. Baleia. Humanização e Animalização.

ABSTRAT

This work sheds some light on to the process of humanization and animalization suffered by the character of Fabiano and Baleia, respectively, of the novel *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos. Emphasizing the following question: how and to what extent Fabiano animalizes front of the humanization of the dog Baleia in the course of the narrative. In addition, there is manifested as the language domain of these characters and how it facilitates or hinders their inclusion in the social sphere. It does this through a comparative analysis of bibliographic nature. Therefore, makes use of some reflections given by Antonio Candido (2000, 2001, 2006, 2009), Alfredo Bosi (2013), Marilena Chaui (2000), Bakhtin (2002), among others.

Keywords: *Vidas Secas*. Fabiano. Baleia. Humanization. Animalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I-CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DO MODERNISMO: SEGUNDA FASE	11
1.1 Modernismo brasileiro	11
CAPÍTULO II- GRACILIANO RAMOS E VIDAS SECAS	16
2.1 Biografia do autor	16
2.2 Bibliografia	17
2.3 A obra.....	17
2.4 Sínteses dos capítulos da obra	20
CAPÍTULO III-A HUMANIZAÇÃO DE BALEIA E A ANIMALIZAÇÃO DE FABIANO	28
3.1 Fabiano	31
3.2 Baleia.....	36
3.3 Quadro comparativo.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender de que modo Fabiano se “animaliza”, e a cachorra Baleia se “humaniza” no decorrer da narrativa da obra *Vidas Secas*. Assim como explicitar em que medida a exclusão sociocultural de Fabiano e sua família, esta ligada à ausência de linguagem social.

Será apresentado um breve relato sobre o contexto sócio-histórico do Modernismo, mais precisamente da Segunda Fase, onde a obra se encontra inserida e, também consiste em apresentar a Biografia, bibliografia, principais obras de Graciliano Ramos, a síntese da obra *Vidas Secas*, análise das personagens Fabiano e Baleia, referente à animalização e humanização, respectivamente.

No primeiro capítulo intitulado “Contexto sócio-histórico do Modernismo: Segunda Fase” é apresentada uma síntese do contexto sócio-histórico da estética artístico-cultural denominado Modernismo, com foco principal na segunda. Como apontam Alfredo Bosi (2013) e Antonio Candido (2001), este foi um momento singular em nosso país, sobretudo, na esfera sociocultural. É neste período também que as massas populares se articularam para reforçar as manifestações. Os trabalhadores rurais, principalmente no Nordeste, formaram as Ligas Camponesas em favor da reforma agrária radical. O período, de fato, foi marcado por agitação e euforia, com tendências de renovação e desenvolvimento em vários setores, de forte politização da sociedade, de inúmeros debates a respeito da importância revolucionária da arte, de explosão de reivindicações dos trabalhadores urbanos e rurais, almejando se livrar do latifúndio e da miséria. Os principais intelectuais-escritores lançam mão de uma narrativa crítica, embasado no conceito de verossimilhança, e tomam pra si a função de denunciador da condição subumana em que estão inseridos o sertanejo retirante e também a de denunciar a ausência do Estado e os processos de exclusão sociocultural e racial promovidas pelas camadas sociais mais abastadas.

No segundo capítulo “Graciliano Ramos e *Vidas Secas*”, apresentamos uma síntese da biografia do autor e um apanhado cronológico da bibliografia produzida até sua morte. Uma sinopse da vida deste que é considerado um dos escritores mais celebrados da Literatura Brasileira. Apresenta ainda uma síntese parafraseada de cada um dos 13 capítulos da obra.

No decorrer deste trabalho apresentaremos, no terceiro e último capítulo, intitulado “A humanização de Baleia e a Animalização de Fabiano”, como se constitui o processo de animalização e humanização de que as personagens Baleia e Fabiano sofrem dentro da narrativa do romance *Vidas Secas* (VS), 1938, de Graciliano Ramos. Para tanto, traça-se um paralelo comparativo entre o mundo externo constituído pelas ações, pela postura e pelas atitudes e o do mundo interno constituído pelos pensamentos, reflexões e pelas angústias apresentadas por essas personagens. Para uma melhor visualização desses aspectos lançamos mão de um quadro comparativo.

A metodologia utilizada aqui é o estudo comparativo por meio de pesquisa bibliográfica. tomando por base o seguinte instrumental teórico Antonio Candido (2000;2001, 2006), Alfredo Bosi (2013), Chauí (2000), Bakhtin (2002), Barthes (1999), Dalcastegné (2007), entre outros.

CAPÍTULO I- CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO MODERNISMO: SEGUNDA FASE

1.1- O Modernismo brasileiro

O marco inicial do Modernismo no Brasil foi a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922. Nesta, num primeiro momento, um grupo de artistas (escritores, pintores, músicos, poetas, escultores, intelectuais) buscaram romper com os padrões canônicos da arte e da linguagem, e promover, ainda que ideologicamente (Candido, 2000, 2001, Bosi, 2013), uma espécie de amenização das diferenças socioculturais do nosso país por meio de uma valorização da cultura popular nacional, por isso ficou conhecida como fase nacionalista ou heroica que dominou o cenário sociocultural até meados de 1930. Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira são os principais escritores desse movimento, é sabido que há outras duas fases, a segunda (1930-1945) e a terceira (1945 +- 1960). Contudo, daremos mais ênfase à segunda fase, a qual hospeda a obra em estudo.

Entendendo com Candido (2000), o Modernismo brasileiro foi além de um movimento literário; foi um movimento ideológico que buscou apresentar e valorizar a cultura popular nacional. É possível que, justamente a segunda fase, apresente em escala ímpar a ideologia Modernista apontada por pelo referido autor que os escritores estariam engajados em retratar o modo de vida do sertanejo retirante e de denunciar a ausência do Estado que não cumpre com seus deveres em relação a promover a acessibilidade e consolidação da cidadania do povo brasileiro, aqui, em particular os nordestinos. É possível constatar isso já numa primeira leitura de VS.

A respeito disso, Candido (2001, p.07) nos informa ainda que:

A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: Um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana da Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava, sobretudo, orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o

conceito de literatura e de escritor. Estes fatos tiveram o seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930, abrindo-se a partir daí uma nova etapa de maturação, cujo término se tem localizado cada vez mais no ano de 1945.

É preciso levar em consideração que tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro se configura também como um espaço de exclusão. Entendendo com Dalcastagné (2007, p. 07), “Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações”. Conforme mostra uma ampla pesquisa sobre a totalidade dos romances publicados pelas principais editoras do país nos últimos 15 anos, a homogeneidade dos autores se reflete em suas criações. O outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos.

Entendemos que essa hegemonia tem raízes históricas e que o Modernismo brasileiro como um todo não escapa a esta regra, por isso é ideológico. Ao observarmos as principais obras publicadas dentro do movimento modernistas brasileiros, perceberemos, não raro, que na grande maioria delas seus protagonistas tais são e vivem, em relação aos seus autores, de modo oposto. Isso pode ser constatado ao lançarmos um olhar mais em obras como *Macunaíma* (1928), *O Quinze* (1930), o próprio romance em questão *Vidas Secas* (1938) e também em *Grande Sertão: veredas*, em que todos os protagonistas são e estão em condição de marginalidade e por isso sofrem de algum modo exclusão social. MUITÍSSIMO diferente de seus produtores que gozam de muito prestígio por serem famílias tradicionais abastadas e logo ultraletrados. Ou seja, esse escritor é alguém que possui uma trajetória marcada pela possibilidade de acesso ao mundo da cultura e por isso goza de uma posição social privilegiada. Nesse contexto, “ele é o que fala no lugar do outro” como já nos apontou Roland Barthes em *Crítica e Verdade* (1999).

Contudo, é necessário reconhecer que a segunda fase modernista, no campo literário foi um período extremamente rico, tanto na poesia quanto na prosa. É nesta fase que se iniciaram grandes debates sobre a realidade vivida no país, sobretudo, fora dos grandes centros. Os escritores dessa geração passaram a se preocupar mais em discutir e mostrar a realidade brasileira, determinada pelos acontecimentos políticos da época, tais com a ditadura

Vargas e também com uma preocupação com o homem, e suas relações com o mundo que vivia um período de efervescência política, e com isso os escritores usavam a ficção e a descrição do romance como forma de denúncia às desigualdades e injustiças.

Para Candido (2006, p. 220):

Os anos de 1930 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara dos fatos, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período.

As produções realizadas na prosa, na geração de 30, mostrava um cenário até então pouco conhecido, voltado para as zonas cacauceiras, para as terras do cangaço, entre outros temas. Essa fase pode ser considerada um momento de amadurecimento de todas as novas ideias trazidas pela primeira fase e mostradas principalmente na Semana de Arte Moderna. Para Bosi (1994):

(...) a *Semana* foi um acontecimento e uma declaração de fé na arte moderna. Já o ano de 1930 evoca menos significados literários prementes por causa do relevo social assumido pela Revolução de Outubro. Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e, em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, venceu fundo a nossa literatura lançando-a a um estado adulto e moderno perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescente.

A prosa nesse período foi dividida em regionalista e urbana, a primeira é inspirada principalmente no regionalismo nordestino e seus problemas sociais; a prosa urbana, representada pelos “românticos” dessa fase, que retratavam os conflitos sociais e a relação do homem com o meio e sociedade e a prosa intimista que revelava mais os conflitos interiores das personagens.

Como forma de mostrar as preocupações com o momento político e social do país, a literatura se voltou para a realidade e suas crises sociais geradas pela ditadura. A prosa voltava-se para a crítica social e passou-se a retratar várias regiões do país (regionalismo) e mostrar suas realidades como forma de denunciar os problemas sociais que lá ocorriam. A principal característica desse período (ou fase) do Modernismo é a verossimilhança, ou seja, o fato narrado é semelhante à realidade.

O ciclo começa em 1928 com a publicação da primeira edição de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Os autores que também se destacaram nessa fase foram: Raquel de Queirós (*O Quinze*, 1930), José Lins do Rego (*Menino de Engenho*, 1932), Jorge Amado (*Terras do Sem-Fim* 1933). Esses autores se dedicaram mais ao regionalismo do nordeste do país, tendo como tema os problemas, as dificuldades e a miséria vivida pelo povo dessas regiões, como a seca e o cangaço.

Dentre os grandes escritores regionalistas, na prosa temos Graciliano Ramos, representante da segunda fase do Modernismo brasileiro, cuja produção mostrava um cenário até então pouco conhecido, voltado para as zonas cacauceiras, para as terras do cangaço, entre outros temas. Essa fase pode ser considerada um momento de amadurecimento de todas as novas ideias trazidas pela primeira fase e mostradas principalmente na Semana de Arte Moderna. Para Bosi (2013), a Semana de Arte Moderna que ocorreu em 1922, foi um acontecimento onde os artistas deram início a um movimento de mudança nas artes, já a década de 30, foi um período de amadurecimento, principalmente pelos acontecimentos sociais trazidos pela Revolução de Outubro de 1930.

Em *Educação pela Noite* Candido (2006), aponta que os escritores da geração de 30 foram os grandes beneficiários das inovações na linguagem literária, propostas pelos modernistas da primeira fase e também do Antropofagismo, que tinha como proposta a valorização do homem natural, defendida por Oswald de Andrade. Graciliano Ramos, por exemplo, embora não tenha influência dos modernistas da primeira fase quanto ao uso da linguagem coloquial, esse tipo de linguagem em suas obras passou a ser vistas com mais naturalidade. Essa linguagem pode ser observada no romance *VS*.

Ainda na corrente de pensamento de Candido (2006) O romance de 30 ou romance regionalista foi muito importante, pois por meio dele se passou a perceber as realidades locais, tanto econômicas quanto sociais, embora criticado por muitos, o romance regionalista continua a ser escrito, como é demonstrado na terceira fase do Modernismo Brasileiro.

A terceira fase do modernismo inicia-se por volta de 1945, caracteriza-se pela reflexão sobre a linguagem, destacando a problematização do ato de narrar. Essa fase do Modernismo

brasileiro não apresenta grandes mudanças em relação à temática das obras da segunda fase, o que houve foi um enriquecimento nesses conteúdos trazidos principalmente pela prosa psicológica de Clarice Lispector e um novo aspecto apresentado por Guimarães Rosa que universaliza o sertão nordestino e utiliza da filosofia a respeito do homem e explora o sertanejo como modelo.

Contudo, é com Graciliano Ramos que se mantém as características da linguagem da primeira fase do Modernismo, e apresenta em VS a temática dos romances de 30, mas também já apresenta traços dos modernistas da terceira fase, a prosa psicológica, pois penetra no pensamento e na alma de cada um dos componentes da família de Fabiano, inclusive da cachorra Baleia, para desta forma mostrar de forma brutal a discriminação, os costumes, a linguagem e a realidade do sertanejo nordestino.

Por fim, é possível dizer que a trajetória de Fabiano e sua família representa o caminho de outras tantas famílias vítimas da natureza hostil e da injustiça e da exclusão social e do Estado, temas verossímeis tratados pela Segunda Fase modernista. É a luta não só contra as forças da natureza, mas também contra uma estrutura social instaurada a partir do poder econômico e político de alguns grupos que não raro é legitimado pelo Estado. Sendo assim, os temas abordados pelos regionalistas, como o êxodo rural, a degradação humana, a miséria e a fome continuam sendo atuais. Pois a saída do homem do campo, sobretudo do sertanejo retirante, para a cidade em busca de vida melhor ainda é uma realidade.

CAPÍTULO II- GRACILIANO RAMOS E VIDAS SECAS

2.1 Biografia do autor

Graciliano Ramos nasceu na cidade de Quebrângulo no estado de Alagoas, em 1892. Filho de uma família de posses. Iniciou seus estudos no interior e em 1905, continuou-os em Maceió. Em 1910, retornou a Palmeira dos Índios. Lá passou a trabalhar no estabelecimento comercial do pai. Em 1915, muda-se para o Rio de Janeiro onde trabalha como revisor em vários jornais e inicia a colaboração em periódicos. Em 1945, regressa para Palmeira dos Índios, onde exerceu várias funções e foi eleito prefeito.

Em 1933, retornou a Maceió para ocupar o cargo de diretor da Instituição Pública de Alagoas, conhecendo então Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado. Em 1936, é preso por questões políticas – experiências reveladas em sua obra “Memórias do Cárcere”. Em 1945, depois de libertado, fixou-se no Rio de Janeiro e ocupou o cargo de inspetor federal de ensino fazendo também revisão e traduções, época que se consagrou como um dos maiores romancistas brasileiros.

Graciliano é considerado pela crítica literária o melhor ficcionista de sua geração. Sua obra é marcada pela falta de sentimentalismo, por uma linguagem direta, sucinta, e palavras precisas. Como pode ser visto em VS, sobretudo, na forma de comunicação de Fabiano e sua família. Bosi (2013, p. 411-415) lança luz sobre a utilização de uma linguagem abrasileirada e próxima da oralidade

A Prosa de ficção encaminhada para o ‘realismo Bruto’ de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte de Graciliano Ramos, beneficiou-se amplamente da ‘descida’ à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado [...] Preferiram os nossos romancistas de 30 uma visão crítica das relações sociais.

Pode-se dizer que Ramos traduz em sua escrita apenas o essencial, refletida na linguagem direta precisa, sem prejuízo de clareza. Com palavras simples e corriqueiras o

autor consegue demonstrar o condicionamento do caráter humano pelo ambiente em que ele vive.

2.2 Bibliografia do autor

Suas obras embora tratem de problemas sociais do Nordeste brasileiro, apresentam uma visão crítica das relações humanas, que as tornam de interesse universal. Seus livros foram traduzidos para vários países. Em ordem cronológica, assim se apresentam suas principais obras:

Caetés - Primeiro romance de Graciliano Ramos, *Caetés* foi publicado inicialmente em 1933. *São Bernardo* (1934)- *nesta obra* Graciliano Ramos traça o perfil da vida e do caráter de um homem rude e egoísta, do jogo de poder e do vazio da solidão, em que não há espaço nem para a amizade, nem para o amor. *Angústia* (1936) - Romance que teve sua primeira edição no ano em que Graciliano passou preso no Rio de Janeiro. *Vidas Secas* (1938)- Romance. *A Terra dos Meninos Pelados* (1942)- Literatura juvenil. *História de Alexandre* (1944)- Literatura juvenil. *Dois Dedos* (1945)- Literatura infantil. *Infância* (1945)- Uma autobiografia que mostra as recordações da descoberta do curioso e diferente mundo dos adultos. *Insônia* (1947)- Esta obra reúne treze contos em que estão presentes a secura emotiva e a economia vocabular, características estilísticas do autor. *Memórias do Cárcere*, *Memórias do cárcere* é o testemunho de Graciliano Ramos sobre a prisão a que foi submetido durante o Estado Novo; publicada postumamente em 1953. *Viagem* (1954)- Viagem reafirma o compromisso de Graciliano com a justiça social, sem negociar sua liberdade literária. Um relato imprescindível de uma época de fortes paixões políticas. *Linhas Tortas*- (1962)- Crônicas. . *Viventes das Alagoas* (1962)- Costumes do Nordeste.

2.3 A obra

Vidas Secas é uma narrativa em treze capítulos, curtos, aparentemente independentes. Esse livro conta a saga de uma família de retirantes: Fabiano, Sinhá Vitória, O menino mais

velho, O menino mais novo e a cachorra Baleia. Nesta obra, o autor narra em terceira pessoa, a luta desses retirantes para sobreviverem à seca e, sobretudo, sair da condição de degradação em que se encontram. Quase não há diálogo entre os membros da família. Sua linguagem, assim como a terra, é seca. Apesar de todo o sofrimento desses retirantes, eles não desistem de seus sonhos de terem seu pedaço de terra e seguem sempre em busca de realizar seus sonhos.

Não se trata nem de perto de uma lamentação pura e simples o cenário que aparece em VS, mas sim uma grande exposição, de caráter didático, do problema que é associado à terra nordestina desde a época colonial, mas sem retórica clichê, mesmo nos momentos mais críticos da narrativa quando é quase impossível não se emocionar com o aviltamento a que chega o homem diante de condições não só climáticas como também humanas tão adversas e/ou com a saga daquela família nordestina fugindo da seca.

Observemos agora as considerações e impressões de Hatoun (2010) em relação à obra (analise que se aproxima da concepção que temos de VS):

O impacto maior foi quando eu li a obra do Graciliano, *Vidas Secas*. Era o avesso do meu mundo, que é o mundo das águas, o mundo da Amazônia. Você já vê ali o drama a partir do começo do livro, quer dizer, eles já são retirantes. A condição deles de classe social é a mais adversa possível. Eles são proprietários, vamos dizer, temporários, efêmeros, daquela fazenda abandonada. Mas depois, como se fosse um ciclo, um ciclo de bonança e ao mesmo tempo de seca, de miséria, eles vão caminhando nesse ciclo até a retirada final. Essa abertura final para a cidade que deixa essa esperança muito longínqua, muito esfumada aí, muito vaga, eu diria que é quase uma desesperança. *Vidas Secas* é um romance que pode ser estudado sob vários ângulos. Pelo lado da forma, pelo lado do conhecimento da região, do drama social humano de um jovem brasileiro que percebe que ali há um drama que perdura. Como eu falei, o Brasil é também o Brasil de muitos Fabianos ainda. E pelo lado da linguagem também. Ali há um vocabulário que um jovem muitas vezes desconhece. O jovem acostumado só à imagem visual, ele desconhece aquela linguagem, aquele vocabulário, então isso enriquece muito porque ele está dando uma enorme contribuição para a língua brasileira, para a língua portuguesa, para a língua portuguesa que tem a ver com a fala do sertanejo e tem a ver com a construção também do próprio Graciliano.

Vejamos agora, as reflexões de Candido (2006, p. 67), contidas na obra *Ficção e Confissão*:

Vidas secas começa por uma fuga e acaba com outra. Decorrente entre duas situações idênticas, de tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a

ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio.

Como vimos anteriormente, VS é narrado em terceira pessoa e em quase toda a obra é utilizado o discurso indireto livre. As falas das personagens estão em quase toda obra inseridas dentro do discurso do narrador. Conforme Bakhtin (2004, p. 182-183), o discurso indireto livre serve principalmente para aguçar a imaginação do leitor. “É a forma por excelência do imaginário”. Por meio do discurso indireto livre o artista consegue, não só relatar um acontecimento qualquer, mas comunicar suas impressões, despertar na alma do leitor imagens e representações vividas: “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!”. Nessa passagem do romance a voz do narrador se funde com a voz do personagem, fazendo com que não haja precisão se o pensamento é do personagem ou do narrador. Porém, as palavras “no toco”, “de mão beijada” nos levam a deduzir, pelo escasso vocabulário do personagem, que a fala é de Fabiano.

Os episódios são separados, mas o último toca o primeiro, conforme informa Candido (2000, p. 107): “Este encontro do fim com o começo, como já foi observado, forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados- retirantes, mostrando a poderosa visão social de Graciliano Ramos”.

Considerado um dos romances inaugurais do moderno estilo brasileiro do Regionalismo – romances que discutiam as realidades psico-sócio-culturais de determinadas localidades, sem perder o caráter universal de suas argumentações literárias. Graciliano emprega expressões regionais e ocorre uma ausência de diálogos entre as personagens, mesmo porque existe falta de vocabulário por parte deles. Eles se comunicam por meio de resmungos, fazendo com que ocorra a animalização desses personagens, que dialogam consigo mesmos e não conseguem exteriorizar seus sentimentos por meio de palavras. Conforme se observa em Ramos (2013, p. 20):

[...] falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que dirigia os burros – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

É possível dizer também que além do conflito do homem com a sociedade existe também a do homem com ele mesmo. Isso é visível na personagem Fabiano, que muitas vezes questiona sua própria existência como ser humano, se considerando um animal. Ele não enfrenta os problemas, guardo-os para si, suas respostas ficam apenas em pensamentos, talvez pela falta de vocabulário para discutir ou pela sua falta de conhecimento do mundo dos homens, para argumentar, pois ele só entendia do mundo dos animais.

2.4 Sínteses da obra

V.S é composto por 13 capítulos que possuem relativa independência entre si, contudo, o capítulo "Mudança", que é o primeiro, e o capítulo "Fuga", o último, assim precisam ser lidos nessa sequência, uma vez que apresentam uma ligação de fechamento de uma espécie de ciclo, possível metáfora da vida do sertanejo retirante. A seguir, traça-se uma pequena síntese de cada um dos capítulos.

O primeiro capítulo intitulado “Mudança” é o começo da peleja de Fabiano e sua família no sertão nordestino. Na véspera da viagem sacrificaram o papagaio de estimação para amenizar a violência da fome que os afligia. Já estavam cansados quando o menino mais velho já não conseguia mais andar e o pai fica irritado, mas resolve carregá-lo em seus braços. Já exaustos, Fabiano e família encontram uma fazenda abandonada e resolvem se fixar por ali. A cachorra Baleia caça um preá causando grande alegria a todos, pois haveria comida. Fabiano consegue água e fica feliz, com a possibilidade de uma vida melhor. Ele pensa na sua família e no Seu Tomás da bolandeira, homem estudado e admirado por todos. Ramos (2013, p. 8):

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

No segundo capítulo, intitulado “Fabiano”, é apresentado a personagem Fabiano que conforme possui as seguintes características: “Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a

barba e os cabelos ruivos”, Ramos (2013, p. 18). Fabiano estava feliz com o novo lugar. No entanto, a fazenda que parecia abandonada tinha um dono, que logo apareceu. Sem outra solução o jeito foi ficar por ali mesmo, e servir ao patrão. Com isso, ficou triste e sentiu-se novamente um animal. Irritava-se com as perguntas do filho mais velho e novamente pensava em seu Tomás da Bolandeira¹, que apesar de ser admirado por Fabiano pelas suas palavras difíceis, com a chegada da seca acabara como todos daquele lugar. Fabiano pensa na brutalidade do patrão, que o tratava como um traste. Pensa em Sinha Vitória e seu desejo de possuir uma cama igual à de Seu Tomás da Bolandeira e na educação dos filhos. Afinal ele era um homem ou um bicho? Ao mesmo tempo em que se entendia como um homem capaz de superar dificuldades, atravessava-lhe um sentimento de derrotado. Vejamos isso no texto original, (Ramos 2013, p. 23-24):

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar.

O terceiro capítulo, intitulado “Cadeia”, narra a passagem em que Fabiano vai à feira comprar mantimentos, querosene e um corte de chita vermelha então resolve beber pinga na bodega de seu Inácio quando se envolve em jogo de cartas com um soldado amarelo e acaba perdendo todo o dinheiro, sendo assim, não poderia levar para casa o que havia prometido, pensava em uma maneira de como enganar Sinha Vitória, mas não encontrava solução. Ao sair da bodega, o soldado, provoca Fabiano, pisando-lhe no pé. Fabiano não suportando mais os insultos do soldado, xinga a mãe do mesmo e vai preso. Na cadeia, começou a pensar por que havia acontecido tudo aquilo com ele. Afinal, não fizera nada, poderia até ter batido no soldado, mas não o fez. Pensou em sua família. Se não fosse por eles já teria feito uma besteira, não teria aguentado humilhações do soldado. Fabiano pensava em vingança. Ramos (2013, p. 37):

Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça.

¹ Seu Tomás da Bolandeira é a personagem que está ligado com o mundo letrado, homem que Fabiano admira e quer imitar, devido o domínio que demonstra com as palavras, com a linguagem social.

O quarto capítulo, “Sinha Vitória”, nos é apresentada, de maneira mais profunda, a esposa Sinha Vitória, boa nas contas e com um desejo de felicidade que paira sobre uma cama de lastro de couro, igual à de Seu Tomás da Bolandeira. Já fazia um ano que discutia com Fabiano sobre a necessidade de ter uma cama decente. Depois de uma discussão, Sinha Vitória se sentiu ofendida quando Fabiano lhe disse que ficava ridícula com seus sapatos de verniz, que caminhava como um papagaio, trôpega e manca. Ela andava pela casa, e ao mesmo tempo em que rezava, prestava atenção ao que acontecia lá fora. Ainda pensando na cama e na comparação de Fabiano quase deixa queimar a comida. Começou a pensar no bebedouro em que só havia lama, veio lhe então o medo da seca. Olhou para seus pés e pensou novamente na comparação de Fabiano e o considerou uma pessoa má. Também pensou no papagaio e sentiu pena dele. Como Fabiano dormia e roncava forte, Sinha Vitória achou que não deveria haver perigo, a seca deveria estar longe. Parecia que as coisas, agora apesar de toda a dificuldade, estavam mais estáveis. Lembrou-se do sofrimento da família por causa das suas andanças. Só lhe faltava uma cama igual a do Seu Tomás da bolandeira. Ramos (2013, p. 40):

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos, entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco, não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

No quinto capítulo, “O Menino mais novo”, é apresentado o filho caçula de Fabiano e Sinha Vitória. É um admirador do pai, quer imitá-lo. Ainda mais quando viu o pai domando uma égua. Ficou admirado pela sua coragem e, como forma de chamar atenção, já que ninguém prestava atenção nele, resolveu realizar um feito que impressionasse a todos, até mesmo a cachorra Baleia. Quando o irmão mais velho foi levar as cabras ao bebedouro, resolveu imitar o pai e domar um bode. Levou vários tombos, então desistiu. Ficou com medo da repreensão dos pais, mas tinha que voltar mesmo assim. Mas o menino mais novo continuou sonhando em um dia ser um grande vaqueiro e todos iriam admirá-lo. Ramos (2013, p. 53):

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro. Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e

chapéu de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados.

O sexto capítulo, “O menino mais velho”, como o próprio nome nos oferta entendimento, é sobre o primogênito. Ponto alto da narrativa é quando ele ouve a palavra inferno e a acha bonita. Como seu vocabulário era bastante reduzido quis saber seu significado para poder usá-la. Perguntou primeiro ao pai, mas não teve resposta, então resolveu perguntar à mãe se ela conhecia o inferno. Sinha Vitória se zangou com a pergunta e deu uns cascudos no menino. Ele então fugiu. Não entendia porque tanta zanga por causa de uma palavra tão bonita. Percebendo que só tinha a cachorra baleia como companheira e lhe escutava, resolveu contar-lhe uma história, apesar do vocabulário restrito. É preciso ressaltar que os meninos não possuem nome, possivelmente um registro, feito por Ramos, da condição de exclusão sócio-histórica em que estão inseridos, Ramos (2013, p. 57):

Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos, e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.

No Sétimo capítulo, “Inverno”, a mudança da estação do ano trouxe chuva e frio, e todos se reuniam em volta do fogo, procurando abrandar o frio causado pelo vento e pela chuva que fazia balançar a paisagem ao redor da casa. Os filhos deitados ficavam ouvindo as conversas estranhas dos pais e as histórias inventadas pelo pai sobre aventuras que nunca tinha vivido. Fabiano não gostava de ser interrompido em suas histórias, nem mesmo pelo menino mais velho que queria buscar mais lenha. A chegada da chuva deixava a família feliz, pois afastava o perigo da seca. No entanto, embora Fabiano estivesse feliz com a chuva, Sinha Vitória temia que houvesse uma inundação e eles tivessem que subir ao morro, novamente sem destino. Fabiano, feliz, ficava cada vez mais animado para contar suas histórias. A chuva tinha chegado em boa hora, pois interromperam seus planos. Ele havia decidido que depois de ter sido preso e sofrido tantas humilhações na cidade, com a chegada da seca, iria abandonar a família e partiria para se vingar do soldado amarelo e de todas as autoridades que cruzassem seu caminho. Fabiano estava tão feliz com a chegada da chuva que, enquanto contava suas histórias, imaginava que as coisas iriam melhorar e quem sabe pudesse até comprar a tão sonhada cama par Sinha Vitória. Até a cachorra Baleia já estava entediada com as histórias de Fabiano, que empolgado com suas histórias falava alto demais. Ela queria se esticar em um

lugar quente, sonhar com os bichos, ouvir o barulho da chuva e a cantiga dos sapos. Ramos (2013, p. 67):

As vacas vinham abrigar-se junto a parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incomodo.

Oitavo capítulo, “A festa”, é narrado a ida de Fabiano e sua família à cidade na festa de Natal. Vestidos com suas melhores roupas, Trajes que faziam deles umas figuras estranhas, que chegavam a parecer ridículos. A caminhada até a cidade se tornou bastante cansativa, as roupas estavam desconfortáveis e os sapatos apertados. Então, seguidos por Fabiano, resolveram tirar, dos trajes, o que lhes incomodavam e também tirar os sapatos, sentindo-se então todos mais aliviados. Antes de chegarem à festa pararam em um riacho e se lavaram. Fabiano, com os pés molhados, teve dificuldades para calçar os sapatos e ficava irritado com os palpites de Sinha Vitória. Chegaram à festa. Sinha Vitória carregava seu guarda-chuva de maneira estranha e caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos. Os meninos estavam ao mesmo tempo maravilhados e assustados, com tantas luzes e gente. Eles ficaram encantados com a igreja e as imagens nos altares. Baleia cochilava e às vezes balançava a cabeça e franzia o focinho sentindo em Fabiano um cheiro irreconhecível e Fabiano continuava dormindo. Ele roncava, se agitava e sonhava com muitos soldados amarelos que lhe pisavam nos pés. Ramos (2013, p. 83):

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reúnas e ameaçavam-no com facões terríveis.

No nono capítulo “Baleia”, nos é apresentado o drama da cachorra Baleia, considerado por muitos críticos e leitores como um dos capítulos mais emocionantes. Doente e magra, pelos caídos, beijo inchado e feridas na boca, não conseguia comer. Fabiano achou que ela estivesse com raiva, ele amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas como ela não melhorava resolveu sacrificá-la. Sinha Vitória recolheu os meninos, desconfiados, para que eles não presenciassem a cena. Os meninos protestaram, tentando sair ao terreiro para impedir que o pai matasse a cachorra, mas Sinha Vitória os segurava, pois

sabia que era necessário que a cachorra fosse sacrificada, mesmo Baleia sendo considerada como um membro da família. O primeiro tiro dado por Fabiano acertou o traseiro da cachorra quebrando-lhe uma perna. Ao ouvirem o tiro as crianças ficaram desesperadas e começaram a chorar alto. Baleia saiu correndo desesperada tentando se esconder. Baleia sentia o fim próximo, e teve até desejo morder Fabiano, mas não o fez, pois ela nasceu junto dele. A visão da cachorra foi ficando turva e ela começou a sentir um cheiro bom de preás. Em meio à agonia, tinha raiva de Fabiano, mas também pensava nele como o companheiro de muito tempo. A morte estava chegando para Baleia. Sentiu suas vistas escuras. Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás gordas e enormes e brincaria feliz com as crianças. Ramos (2013, p. 91):

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

O Décimo capítulo, “Contas”, narra a exploração em que Fabiano está inserido, pois recebia porcentagem dos bezerros e dos cabritos. Mas sempre vendia sua parte ao patrão para fazer compras na feira, pois o que plantava era pouco. Na hora de fazer o acerto de contas com o patrão, sempre tinha a sensação de que havia sido enganado. Com o passar do tempo, a produção começou a ficar escassa. Como não conseguia dinheiro começou a se endividar. Durante um de seus acertos com o patrão, sentindo-se enganado mais uma vez, Fabiano pediu a Sinhá Vitória para que ela fizesse as contas. Mas as contas da mulher eram sempre diferentes das contas do patrão. Ele dizia que eram por causa dos juros. Fabiano reclamou e o patrão não gostou, dizendo que, se Fabiano estava desconfiado dele, então fosse procurar outro emprego. Submisso, Fabiano pediu desculpas e saiu arrasado, pensando mesmo que Sinhá Vitória era quem estava errada. Olhou para o dinheiro em sua mão e suspirou, não tinha nem o direito de protestar. Quando os homens queriam enganar os outros usavam a palavra “juro”. Era sempre assim: bastavam palavras difíceis para lograr os menos espertos. Tornou a contar o dinheiro e sentiu raiva de todas aquelas pessoas da cidade. Fabiano pensou nas dificuldades de sua vida. Se pudesse largava tudo. Mas não podia. Seu destino era trabalhar para os outros, assim como acontecera com seu pai e seu avo. Teve vontade de entrar na bodega de seu Inácio e tomar uma pinga. Lembrou-se da humilhação passada ali mesmo e decidiu ir para casa dormir. Na rua olhou para céu cheio de estrelas. Deixou de pensar nos

“inimigos” e pensou na família. Lembrou-se da cachorra Baleia e sentiu pena. Ela era um membro da família. Ramos (2013, p. 99):

Um perigo entrar na bodega. Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. Se não tivesse tido a ideia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre. Nem podia tomar uma pinga descansado. Bem. Ia voltar para casa e dormir.

No décimo primeiro capítulo, “O Soldado Amarelo”, narra-se o encontro de Fabiano e o personagem que representa o Estado. Tudo começa quando, andando pelas veredas a procura de uma égua fugida, Fabiano enrosca na vegetação o cabresto que trazia na mão. Com o facão em punho, começou a cortar as palmas espinhosas que impediam o prosseguimento da busca. Ouviu um rumor e ao levantar a cabeça deparou-se com o soldado amarelo que o humilhara um ano atrás. O cruzar de olhos e o reconhecimento durou fração de segundos. Se houvesse durado mais tempo, o amarelo teria caído esperneando na poeira, com o quengo rachado. O soldado, percebendo que Fabiano estava acovardado, encorajou-se. Avançou firme e perguntou o caminho. Fabiano tirou o chapéu numa reverência e ainda ensinou o caminho ao amarelo. Ramos (2013, p. 107):

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do policia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força.

No Décimo segundo capítulo, “O Mundo Coberto de Penas”, Fabiano observando os bandos de aves invadiam o sertão teve presságio de seca. Sinha Vitória inquietou-se. Elas roubariam a água do gado, matariam bois e cabras. Fabiano quis ignorar, mas não pôde; a mulher tinha razão. Caminhou até o bebedouro, onde as aves confirmavam o anúncio da seca. Lembrou-se cachorra Baleia e começou a se questionar sobre sua decisão de matá-la, mas afinal não podia por as crianças em risco. Com um tiro de espingarda matou cinco ou seis aves, mas não deu conta, pois eram muitas. Poderia matar mais se tivesse munição, então teriam comida para muitos dias. Fabiano agora tinha certeza de que teriam que fazer uma nova peregrinação. Teriam que fugir novamente. Realmente aquele lugar não era bom para se viver. Sim, teriam que ir embora desse lugar maldito. Pensou em Sinha Vitória, mas ela era inteligente, e saberia entender a necessidade de irem embora logo. Ramos (2013, p. 116):

Chegou-se a casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar Sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.

O último capítulo, “Fuga”, é o que dá o fechamento do movimento cíclico da retirada, pois como, vimos anteriormente, a narrativa inicia com o a mudança da família e agora novamente eles necessitam de mudar, ou melhor, de fugir da condição que transformam seres humanos em animais. Vejamos isso no trecho a seguir, Ramos (2013, p. 119-120):

Tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante. Os meninos iam à frente, carregando as trouxas de roupas. Caminharam bem três léguas antes que o sol nascesse. Sinha Vitória continuou a estimular Fabiano e fazer planos para o futuro. Em algum lugar deveria existir uma nova terra que onde os meninos pudessem estudar. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Não havia outra solução. Chegariam a uma nova terra desconhecida e civilizada e ali permaneceriam. [...] E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos.

Daqui para adiante, a partir da comparação entre as atitudes de Fabiano e da cachorra Baleia no decorrer da narrativa, observaremos em que medida o animal parece se humanizar enquanto o homem se animaliza.

CAPÍTULO III – A HUMANIZAÇÃO DE BALEIA E A ANIMALIZAÇÃO DE FABIANO

Fabiano e Baleia são personagens de *Vidas Secas*. Obra que é fruto do Modernismo brasileiro, mais especificamente do momento sociocultural que ficou conhecido como Regionalismo ou Romance de 30, o qual se constituiu por um olhar laçado, sobretudo, para o sertão nordestino, o homem que nele habita – o sertanejo, e também sobre as manifestações sociopolíticas agrárias.

É fato também que estas personagens estão inseridas em uma realidade extremamente subumana e marginal. São frutos de um sistema socioeconômico excludente e discriminador que inviabiliza o acesso à linguagem social² e logo à cidadania plena de sujeitos oriundos destes contextos. E por isso os colocam em condição de animalização, isso porque é a aquisição da linguagem social que nos insere no mundo social. Entendendo com Chauí em *Convite à Filosofia* (2000,p.185):

a linguagem condiciona nossa existência social e experiência total de seres que vivem no mundo e com outros; é uma dimensão de nossa existência. Dizer que somos seres falantes significa dizer que temos e somos linguagem, que ela é uma criação humana (uma instituição sociocultural), ao mesmo tempo em que nos cria como humanos (seres sociais e culturais). A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento

Agora, lançamos mão, de algumas definições das palavras “humano”, “humanidade”, “animal” e “animalização” encontradas em dicionários de Língua Portuguesa, para que possamos também obter um viés denotativo. Sobre o verbete “humano”, o dicionário Ferreira (2010, p. 1111) lhe atribui os seguintes significados: “1- Pertencente ou relativo ao homem; natureza humana; gênero humano. 2- Bondoso, humanitário”. Ainda na mesma página (p. 1111), encontramos a palavra “humanidade” que é assim definida: a natureza humana, o gênero humano, benevolência e compaixão. Quanto à palavra “animal” o mesmo dicionário (p. 150), apresenta a seguinte definição: substantivo masculino, com vários significados, tanto no sentido denotativo, quanto no sentido conotativo: 1- Ser vivo, organizado, dotado de sensibilidade e movimento (em oposição às plantas). 2- Pessoa muito ignorante, estúpida. 3-

² Compreende-se aqui como linguagem social, a capacidade adquirida pelo ser humano de comunicar-se com o outro ser humano, sobretudo, por gêneros escritos (texto) e orais (fala), levando em consideração as relações socioculturais de convivência em sociedade.

Pessoa desumana, bárbara, cruel. 4- A natureza animal em oposição à mente ou espírito.

Na concepção do dicionário Cegalla (2005, p.475), a palavra “humano” mostra dois significados: 1- Pertencente ou relativo ao homem, e cita como exemplo: direitos humanos. 2- bondoso; humanitário, e exemplifica por meio da frase: o novo diretor parece muito humano. Para a palavra “animal”, o mesmo dicionário (p.66) apresenta: 1- Ser vivo irracional; dotado de sensibilidade e movimento próprio. 2- indivíduo estúpido e grosseiro; bruto: João é um animal. 3- selvagem; animalesco; irracional: essa fúria animal, vulgar. Estas definições nos servem como referência para pensarmos de modo denotativo. Contudo, ressaltamos que nossa análise irá mais profundo do que as acepções que apresentamos acima. Isso porque estamos tratando de duas personagens literárias que, com toda certeza, apresentam a possibilidade de uma profundidade analítica mais complexa. Dito isto, faz-se necessário as seguintes perguntas: 1- Fabiano é homem ou animal? E Baleia, realmente se humaniza?

Na tentativa de responder tais perguntas, de imediato reconhecemos que Fabiano é inegavelmente um ser humano, sobretudo, na concepção biológica. Pois, apesar da condição social subumana em que está inserido, ele demonstra sentimentos como a compaixão, capacidade de refletir sobre si e seus atos e também sobre o outro, características reconhecidamente pertencentes ao gênero humano. Contudo, é possível observar também que em vários momentos da narrativa o próprio Fabiano rechaça a sua condição humana, e inclina-se para uma postura animalesca, como podemos observar no trecho: “Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”, Ramos (2013, p.19). É possível observar ainda que em alguns momentos o narrador parece querer reforçar a animalização da personagem.

Reconhecemos também que a cachorra Baleia é um animal, canino, sobretudo, quando age por instinto, para realizar suas caçadas e também para fugir do perigo, por exemplo, quando Fabiano a procura para sacrificá-la: “enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras”, Ramos (2013, p. 87). Ela precisava se esconder; embora gostasse muito de Fabiano, seu instinto dizia que algo de ruim estava para lhe acontecer. Contudo, em meio aos acontecimentos da narrativa, sobretudo, nos momentos de angústia e sofrimento das personagens os papéis invertem-se, Fabiano se torna bicho, enquanto que Baleia parece se humanizar.

É possível dizer que as personagens de VS são marcados por uma espécie de metamorfose psicológica que oscila entre a condição humana e a condição animal. As personagens humanas são representadas e também, às vezes, se apresentam de uma maneira rude, bruta e áspera, vítimas dessa atmosfera caracterizada pela seca, que absorve a humanidade desses indivíduos, forçando-os a viver em perene luta por melhorias. Como nos informa Candido (2006, p. 106), “[...] a criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade”.

Ressalta-se que somente a concepção biológica não basta para atestar no sujeito a sua humanidade, pois além de apresentar biologicamente traços humanos o homem deve ser dotado da linguagem social como informa Chauí, embasada nas reflexões de Aristóteles, no capítulo ‘A linguagem’ da obra *Convite à Filosofia* (2000, p. 172):

Somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, por que somente ele é dotado de linguagem. Os demais animais possuem voz (phone) e com ela são capazes de manifestarem dor e prazer, entretanto somente o homem possui a palavra (logos), e por meio dela exprime o bom e o mau, o justo e o injusto.

Ser dotado desses valores e instrumentalizar sua utilização é o que possibilita a vida social e política, dessa capacidade somente os homens sociais são dotados, no entanto, parece ser isso que se ausenta de Fabiano e em alguns momentos se apresenta em Baleia, por meio do discurso indireto livre. Sendo assim o protagonista não apresenta uma condição humana social. Pois, não adquiriu a capacidade de aquisição da linguagem social e por isso é excluído socialmente.

Entendo que em VS é narrada a luta de Fabiano e sua família para sobreviverem à condição de exclusão socioeconômica e degradante em que estão inseridos e também as asperezas naturais do sertão nordestino, sobretudo, à seca. Travam constantemente uma batalha contra a morte, a escassez dos recursos hídricos, a não acessibilidade à cidadania plena, a falta de comunicação entre os membros da família devido ao não acesso à linguagem social, as humilhações e os abusos sofridos que em grande parte são promovidos pelas camadas de poder e, sobretudo, pelo Estado. Apesar deste contexto áspero e degradante, é

possível verificar um fio de sonho em cada um dos integrantes da família que é composta por Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia.

Assim como a ausência da água, a ausência de um mínimo de domínio da linguagem social faz com que eles, principalmente Fabiano, se animalizem em detrimento à cachorra Baleia que se humaniza, com demonstrações de atos sentimentais. A linguagem de Fabiano mais se assemelha aos sons emitidos pelos animais, pois na maior parte do tempo se comunica por meio de sons onomatopaicos. Sobre isso vejamos as considerações de Hatoum (2010):

Ele fala por meio de interjeição gutural, que mais uma vez rebaixa esses personagens a um nível animalesco. Não no sentido exatamente pejorativo. Não no sentido de ridicularizá-los, mas talvez para mostrar o quanto, na verdade, eles estão submetidos a uma situação bastante limitadora das suas potencialidades humanas. Os personagens vão atrás da linguagem. Vão atrás da palavra certa para dizer, para se expressar e não acham. Eles não conseguem falar o que eles querem dizer.

Contudo, é possível vislumbrar que se trata de uma linguagem, ainda que minimalista, capaz de traduzir em partes o eu interior das personagens, pois é através dela que elas expressam seus sonhos e desejos de tempos melhores, onde não haja mais a seca, onde se possa estabelecer morada e não mais retirarem por conta da seca ou da violência promovida por grileiros ou latifundiários. Aprofundaremos um pouco mais esta análise, agora, priorizando a figura de Fabiano e seu processo sócio-psicológico de animalização.

3.1 Fabiano

O Bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.
(Manuel Bandeira)

Num primeiro momento pensar a figura de Fabiano é pensar na figura do homem reduzido, degradado em bicho, contudo é imprescindível descortinar que esta condição é promovida pelo sistema de organização sociocultural vigente. No poema acima, o modernista Manuel Bandeira chama a nossa atenção justamente para a condição de degradação em que alguns seres humanos estão inseridos. Isso, possivelmente, é fruto da supervalorização do objeto material em detrimento do humano. É possível ainda observar no poema que o protagonista que ali se manifesta está onde em geral é o território dos animais e dos bichos, perdeu a sua condição humana. Seu comportamento se assemelha ao de um animal abandonado e revirando o lixo em busca de alimento. Infelizmente, essa cena não é uma invenção literária, mas está inserida no cotidiano das cidades brasileiras e de boa parte das cidades do mundo. Podemos entender que a imagem criada no poema é uma denúncia, feita por Bandeira sobre o processo de animalização imposto a seres humanos que, de algum modo, foram e são excluídos da esfera social cidadã e que, não raro, são oriundos da mesma classe social. Esta denúncia nos leva a investigar e refletir sobre a condição em que Fabiano está inserido, para tanto traçaremos aqui um perfil desta personagem.

Fabiano é o legítimo homem do sertão, um vaqueiro nordestino, bruto que se considerava inferior aos outros homens, pois tem dificuldade em se expressar e considera a si mesmo como um bicho. Era ignorante e aparentemente conformado com sua condição, Ramos (2013 p.16-17) aponta:

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos.

Assim, como o ambiente em que se passa a luta de Fabiano e sua família, a linguagem das personagens também é seca. Em suas andanças a sede o ataca a todo o momento, mas não

só de água, mas também de justiça, de palavras e de mudanças, ele estava sempre em busca de uma vida melhor. Quando se instalou com sua família em uma fazenda, abandonada por causa da seca sentiu-se esperançoso: “agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado”, Ramos, (2013, p.19).

Com a chegada da chuva, suas esperanças de dias melhores se renovaram. Mas junto com a chuva chegou também o do dono da fazenda. A solução foi ficar e trabalhar como empregado. Desiludido, Fabiano procura consolo na cachorra Baleia: “Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se [...] Fabiano dava-se melhor com os animais, preferia ficar longe dos homens”, Ramos, (2013, p.20). Era homem de poucas palavras, seu vocabulário era pouco e seco assim seus sentimentos. Seus gestos e palavras ao se dirigir aos seus familiares demonstram que ele se relaciona com as pessoas da mesma maneira que com os animais. Conforme Chauí (2000, p.172) é por meio da linguagem que o homem se distingue dos outros animais e é através dela que o homem se comunica e exprime seus sentimentos, suas vontades, emoções e seus atos. E parece ser justamente esta capacidade de aquisição da linguagem social que falta ao protagonista. Contudo, há em alguns momentos da narrativa uma espécie de fagulha de linguagem social na qual ele tenta emitir uma mensagem como se pode notar no trecho a seguir, Ramos (2013, p.9-10): “Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam pertos, com certeza iam admirar-se o ouvindo falar isso. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”,

É possível observar que quando Fabiano consegue exteriorizar seus pensamentos, mostrar a sua natureza humana, imitar seu Tomas da Bolandeira; porém sempre é tomado de súbito por um pensamento animalizador e logo se contém voltando a forma degradada. Pois, na verdade não se considera um ser humano por não ser capaz de adquirir a capacidade de comunicar-se com outros homens e de obter um pedaço de terra onde pudesse criar raízes e tirar o sustento de sua família, Ramos (2013, p. 18). O animal existente dentro de Fabiano é talvez uma forma dele se proteger do mundo, das perguntas, da seca, da miséria, do sofrimento. Afinal os animais são mais resistentes a esse tipo de vida. A cachorra Baleia, por exemplo, sobrevivia de com pouco alimento, vivia de restos, das sobras. Então seria melhor

ser bicho, eles não tem sentimentos, não precisavam da terra para plantar, não precisavam responder as perguntas e nem tinham necessidade de ser donos de alguma coisa. Este desejo de animalização permeia os pensamentos de Fabiano a todo o momento e em alguns deles este desejo se desdobra em sentimento de orgulho por ser um bicho, pois somente um bicho pode resistir àquela situação de miséria e vencer por meio da força bruta: “Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Acostumado a viver juntos com os animais acabava por se assemelhar a eles” Ramos (2013, p.20). O “não-saber” de Fabiano, manifestado principalmente na dificuldade de falar, também é elemento animalizador. A obra escrita está repleta de referências a essas dificuldades de fala. Na passagem a seguir, vemos a descrição de Fabiano como alguém que, quando se comunica, o faz por meio de monossílabos.

[...] às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (Ramos 2013, p. 20):

Outra passagem da narrativa em que se pode constatar isso é quando Fabiano é insultado e preso pelo Soldado Amarelo (personagem metonímico do autoritarismo empregado pelo Estado aos indivíduos dessa classe social) e não consegue reagir seja pelo discurso, seja pela força bruta, aumentando ainda mais sua insatisfação com o mundo e com sua própria condição humana. E mais uma vez se assemelha como a cachorra Baleia em sua condição de animal, que quando é escorraçada, não esboça reação, apenas faz o que lhe é ordenado, Ramos (2013, p.20): “Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”. Neste trecho é marcado mais uma vez a ausência do poder de falar, da linguagem social do homem constituído, mais uma animalização sofrida.

As dificuldades que Fabiano encontra para falar e argumentar têm influências profundas nas relações sociais que desempenha na obra. Submisso e alheio aos seus direitos, a personagem nunca se faz entender e vê suas esperanças frustradas. Em um ciclo sem fim, o próprio filho mais velho herda do pai a mesma inabilidade, sendo retratado como alguém que, “como não sabia falar direito, [...] balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga,

roçando-se”, Ramos (2013, p. 59). Resta-lhe apenas, através de onomatopeias e repetições indiscerníveis, expressar as intenções.

É possível perceber que a alternância sócio-psicológica da condição humana para uma condição animalesca segue o protagonista em todo o seu ciclo de vida. Porém, não deixavam de sonhar com um futuro melhor, não para eles, mas para os filhos, longe da li, do sertão, onde vivem como bichos. Isso pode ser observado de modo mais claro no trecho a seguir, que é do capítulo Ramos (2013, p.128):

Eles dois velinhos acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinha Vitória, as palavras que Sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos. (grifo nosso)

Por fim, é importante observar que a trajetória de Fabiano e sua família começa a partir do capítulo “Mudança”. Neste, parece ser um grupo de animais que está em fuga, e o último capítulo justamente intitulado “Fuga” que fecha o ciclo da história, em que Fabiano se compara a um animal, socialmente animalizado e animalizando-se psicologicamente, vide grifo. Isso pode ser entendido como uma espécie de herança sócio-histórica-cultural do ciclo de miséria em que as camadas sociais, a qual Fabiano é oriundo, estão inseridas. A miséria passada de geração para geração, um ciclo de degradação historicamente aceita e promovida pela sociedade e, sobretudo, pelo Estado brasileiro.

Traçaremos agora o perfil da personagem Baleia buscando a confirmação de sua humanização.

3.2 Baleia

Baleia é a cachorra que acompanha Fabiano e sua família, mas não era o único animal de estimação. Havia também um papagaio que os acompanhava. Porém, logo no início da viagem morre o papagaio e é aproveitado como alimento pela família e também pela cachorra. No decorrer da narrativa Baleia apresenta sentimentos e atitudes que se assemelham as de um ser humano, tais como: sentir a ausência do papagaio, prover o alimento para a família.

Além disso, é vista pelos meninos como um ser humano capaz de entender seus gestos e eles também tinham atitudes parecidas com a da cachorra. O que fica claro em Ramos (2013, p. 81):

Tentaram explicar-lhe que tinham tido susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. A opinião dos meninos assemelhava-se a dela.

Diferente de Fabiano, a cachorra Baleia tem atitudes humanas. Ela não sabia falar, mas seus pensamentos refletem seu contentamento e contrariedades como se vê neste trecho, Ramos (2013, p. 74): “Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se” (grifo nosso). Em detrimento a Fabiano que, como vimos, às vezes não consegue falar, e suas palavras também ficavam presas ao pensamento. É possível dizer que Fabiano não consegue externalizar seus pensamentos por meio da fala, possivelmente porque não possui domínio sobre a linguagem que, conforme Chauí (2000, p. 179):

A linguagem é um instrumento do pensamento para exprimir conceitos e símbolos, para transmitir e comunicar ideias abstratas e valores. A palavra, dizem eles, é uma representação de um pensamento, de uma ideia ou de valores, sendo produzida pelo sujeito pensante que usa os sons e as letras com essa finalidade.

É possível afirmar que o narrador cria a interioridade do animal, tanto próxima de uma criança rústica quanto de um adulto que sofre com o meio em que vive. Por meio disso o narrador consegue humanizar o animal e animalizar o homem. Pode ser observado também

que Baleia está sempre presente nos momentos marcantes da família e, em geral, na tensão entre o humano e o animal. Por exemplo, quando o menino mais novo resolve domar um bode, para imitar o pai que havia domado uma égua e fazer com que o irmão mais velho e a cachorra Baleia sentissem orgulho dele, assim como sentiu do pai, quando domou uma égua. A aventura do menino não deu certo. Ele não conseguiu se equilibrar sobre o bode, e caído se deparou com o irmão mais velho e Baleia e olhou com raiva para eles, Ramos (2013, p. 52): “Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas”. Ressalta-se que os meninos tratavam a cachorra como um membro da família e muitas vezes agiam como ela, por isso eles esperavam que ela também agisse como eles, Ramos (2013, p. 86) “[...] brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo”.

No capítulo “O Menino mais velho”, também se faz presente a humanização de Baleia. Por exemplo, no dia em que o menino mais velho é excomungado pelo pai porque queria saber o significado da palavra inferno, é em Baleia que encontrou consolo. Assim como o menino ela também sem motivo algum, às vezes era escorraçada, Ramos (2013 p. 56):

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. Repousava junto à trempa, cochilando no calor, a espera de um osso. Provavelmente não o receberia, mas acreditava nos ossos, e o torpor que a embalava era doce. Mexia-se de longe em longe, punha na dona as pupilas negras onde a confiança brilhava. Admitia a existência de um osso graúdo na panela, e ninguém lhe tirava esta certeza, nenhuma inquietação lhe perturbava os desejos moderados. Às vezes recebia pontapés sem motivo. Os pontapés estavam previstos e não dissipavam a imagem do osso.

Assim como o menino mais velho, Baleia depois de levar pontapés, saiu para o terreiro, onde encontrou o menino e foi ficar perto dele. Entre os componentes da família de retirantes, era ela quem apresentava atitudes mais parecidas com as dos seres humanos de demonstração de carinho, compreensão, companheirismo e amor, Ramos (2013 p. 57):

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia.

A animalização de Fabiano em relação à humanização de Baleia é uma constante na narrativa de VS, enquanto Fabiano é retratado como um animal, Ramos (2013, p. 19): “Parecia um macaco”, ao passo que o animal “Andou como gente, em dois pés”, Ramos (2013, p.88). Os seus sentimentos ganham atitudes humanas. É ela quem proporcionava momentos de alegrias, tristezas e vida para a família e também cabe a ela, no momento de sua morte, o momento mais dramático da história, Ramos (2013, p.21):

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angustia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do carito onde Sinhá Vitoria guardava o cachimbo.

Em *Ficção e Confissão* (2006, p. 149-150), Candido informa que “sem querer dizer que uma coisa é igual à outra, poder-se-ia considerar a invenção de Baleia tão importante ao seu modo quanto o monólogo interior do retardado mental. [...] São tentativas de alargar o território literário e rever a humanidade dos personagens”.

Baleia por ter feito parte da vida dos retirantes, continuou na lembrança deles, principalmente na de Fabiano, que em seus momentos difíceis se lembrava da cachorra e demonstrava, em uma das poucas vezes um sentimento humano, como acontece no capítulo “As contas”, Ramos (2013, p. 99): “Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família”. Embora Fabiano, embrutecido pelas suas condições de vida, demonstrasse mais atitudes de um animal, ainda restava nele sentimentos humanos.

Ainda na esteira de pensamento de Candido (2006, p. 106): “[...] a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte”. Certamente, uma maneira de humanizá-la em contra ponto ao homem que se animaliza.

A morte de Baleia é possivelmente um dos momentos mais dramáticos da história, e também onde pode ser observado o processo psicológico mais profundo de humanização. O

narrador atribui características humanas à cachorra, são várias descrições tais como, Ramos (2013, p. 87-88): “a cachorra espiou o dono desconfiada”. Parece que ela sabe que será sacrificada. Depois de levar o tiro, “andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo”. Enquanto agoniza, ela faz questionamentos, Ramos (2013, p. 89): “Que lhe estaria acontecendo?”.

Além disso, o narrador também apresenta lembranças e desejos e até mesmo uma concepção de uma espécie de pós-morte conforme se constata em Ramos (2013, p. 87-91):

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera. Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança. Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles [...] Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Como vimos, Baleia que era um animal, passou a maior parte de sua trajetória apresentando sentimentos e atitudes humanas. Apesar de Fabiano ter sido seu algoz, ela guardava por ele um sentimento de respeito e admiração, pois junto dessa família ela também passou momentos felizes. Durante diversas passagens do livro, a humanização da cachorra Baleia e a animalização de Fabiano é explícita, suas atitudes em muitos momentos se assemelham. Morreu como um animal, mas como um ser humano, sonhou com a possibilidade de uma espécie de paraíso onde não haveria fome e nem dor.

No quadro abaixo, que servirá de referência comparativa, explicita-se lado a lado diversos momentos da narrativa em que a condição de animalização e de humanização das personagens se evidencia.

3.3 Quadro comparativo

Fabiano	Baleia
“O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco” (p.19)	[...] “se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários” (p.40)
Fabiano dava-se melhor com os animais, preferia ficar longe dos homens, “Comportava-se como animal”. (p. 19)	[...] manifestava atitudes de gente” (p. 52)
“Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural” (p.19)	Era confidente dos meninos” (p. 57)
“[...] sairia dali como onça” (p.37)	“Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou” (p.59)
“Os meninos comparavam o pai como um animal”. (p. 52)	“[...] Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua” (74)
“Não ouvia os meninos” (p. 64)	“Os meninos tratavam Baleia como gente”(p. 86)
“Andava como um animal” (p. 75)	“[...] a cachorra espiou o dono desconfiada” (p. 87)
“[...] Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas” (p.78)	“[...] andou como gente, em dois pés”. (p. 88)
“Não tinha esperanças de um futuro melhor” (p. 97)	“Sonhava com um mundo cheio de realizações” (p.91)
“Corcunda, parecia farejar o solo, “[...] ele se arrastava tiritando como um frango molhado” (p.101-104)	“Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite [...]” (p.74)

Como vemos, no quadro, Fabiano é comparado pelos filhos com um animal, não só pelos seus gestos, mas também por suas atitudes. Até ele próprio se considera um bicho. Por outro lado, Baleia se humaniza, é vista, sobretudo, pelos meninos como gente. Enquanto Fabiano se negava a ouvir seus filhos porque não tinha argumentos para responder as perguntas feitas por eles. Por isso não os deixava falar. Baleia, como só dependia de seus gestos para responder, ficava ouvindo as confidências das crianças. É nessas circunstâncias que seus sentimentos se assemelhavam aos do ser humano. É ela quem brincava com eles e sempre estava perto para ampará-los nos momentos de angústia e solidão. Outra animalização do protagonista se dá quando teve que andar semelhante ao modo de Baleia, pois nesse

momento ele se sentia como um animal e Baleia por sua vez, diante da necessidade de lutar pela sobrevivência foi levada a mudar sua maneira de andar. Fabiano não tinha razões para sonhar com um futuro promissor, afinal a vida que levava não lhe trazia nenhuma perspectiva de melhoria. Enquanto que Baleia diante do momento de sua morte viu a possibilidade de realizar seus sonhos.

Assim, na comparação orientada pelo quadro, vemos quão semelhante é a condição do ser humano ao do animal, do bicho (retomando Bandeira). Por outro lado, o animal é representado e constituído, pelo narrador, em algo que se aproxima de uma condição humanística devido as suas atitudes e capacidade de demonstrar sentimentos inerentes ao ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer desta monografia, VS não é tão somente um retrato da realidade brasileira do momento sócio-histórico em que o livro foi escrito, mas o tema como a miséria, fome, desigualdade social, injustiça e seca, continua sendo atual. Sob essas condições de vida subumanas, degradante e a luta pela sobrevivência, animalizou e animaliza seres humanos, infelizmente, não apenas no nordeste brasileiro, como afirma Bosi (2003, p. 403-404) “Vidas Secas abre ao leitor o universo da opressão e da dor”. E assim, apresenta humanos nos níveis sociais e culturais mais humildes, mostrando a condição humana intangível e presente na criatura mais embrutecida. Em contraposição, mostrou a cachorra Baleia como exemplo de humanização; a crua metáfora da condição humana.

Além disso, apontou-se que a linguagem utilizada por Fabiano, ou a ausência dela, é reflexo do seu isolamento, da sua falta de contato com outras pessoas. Sua linguagem se assemelha com as dos bichos, devido sua maior convivência com eles. A coexistência com os animais talhou sua maneira de ser, foi com eles que aprendeu a agir e responder aos contratempos trazidos pela natureza.

Marca-se também que a racionalidade do homem está diretamente ligada à sua necessidade de sobrevivência. Pois, Fabiano mata Baleia para preservar sua família, ou seja o instinto de sobrevivência é mais forte do que qualquer outro sentimento que pudesse ter em relação ao animal de estimação da família. Contudo Baleia, ao contrário do protagonista, sempre procurou contribuir com a família de Fabiano para que eles sobrevivessem a toda aquela situação trazida pela miséria. Até mesmo a falta de sentimentos na relação afetiva entre Fabiano e sua família foi suprida em grande parte pela cachorra. Apontou-se ainda que Fabiano, embora seja um ser humano dotado de sentimentos humanos, como angústias, preocupação com o futuro e sonhos, em vários momentos parece descrever dessa condição, pois se vê e reconhece, às vezes, até em pior situação do que está a cachorra Baleia.

Por fim, conclui-se que a condição de degradação em que a Família de retirantes está inserida é, sobretudo, fruto de um processo sócio-histórico de marginalização, conseqüentemente de exclusão, das camadas sociais menos abastadas; é claro que

consideramos as asperezas e intempéries do ambiente geográfico, mas não como principal fator de degradação, de animalização. Esse processo é, sem dúvida, promovido por grupos de poder, camadas elitizadas e também ainda pelo próprio Estado brasileiro. Assim, cerceados dos bens socioculturais mais básicos como educação, saúde e, sobretudo, o alimento. Eles continuam ainda hoje, século XXI, a figurarem como protagonistas nos bolsões de miséria do Brasil.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da língua**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49 ed. São Paulo: Cultrix 2013.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2009.

_____. **Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos**. 3 ed. Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. **Presença da Literatura Brasileira: historia e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHAUI, Marilena. **A linguagem**. In. **Convite à Filosofia**. Ática, São Paulo, 2000.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

DALCASTEGNÉ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Porto Alegre, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HATOUM, Milton. **Mestres da Literatura**. MECgov: Rio de Janeiro, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 127 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RIBEIRO, Emilio Soares. **A humanização da cachorra Baleia vs. a animalização de Fabiano: uma análise descritiva da tradução do livro *Vidas Secas* para o cinema**. Minas Gerais: Darandina, 2009.

Site consultado: www.graciliano.com.br em 25-07-2015.